

JK significava janela e kitchnete

HOTEL SANTOS DUMONT

Na Cidade Livre havia toda a vida da cidade. O Brasília Palace estava em construção, em 1958, e o sucesso era o Hotel Santos Dumont, na Segunda Avenida.

O hotel tinha um restaurante com piso de cimento queimado, vermelho, e alguns tapetes estendidos à entrada, indicavam o caminho do bar, à direita, onde Mario Canevari era arrendatário, e servia com todo requinte.

Os garçons usavam luvas brancas, e às vezes tinham que trocá-las mais de duas vezes ao dia.

No restaurante, os engenheiros discutiam os preços dos materiais de construção, e quem vendia esses materiais encontrava, ali, uma espécie de bolsa de vendas.

A cidade começava a apresentar as primeiras dificuldades. Eram obras demais, e começou a faltar cimento e ferro. Foi nessa oportunidade, que Mario Canevari entrou no ramo e fez sucesso com suas vendas.

APARTAMENTO JK

Hoje, quando muita gente vê em anúncio do “Correio Braziliense” alguém oferecendo à venda um apartamento JK pode pensar que se trata de uma homenagem ao ex-presidente. Mas representa exatamente uma das mais terríveis críticas a Brasília.

Terminava o ano de 1959, quando o então presidente Juscelino Kubitschek vai inaugurar, na superquadra 410 um grupo de edifícios para solteiros.

Esses edifícios são de três andares, sem elevador, e os apartamentos são de um quarto, com cozinha pequena e sem área de serviço.

Para Brasília, um apartamento assim era uma aberração, já que naquela época, o que mais o povo via era a extensão do horizonte.

Imagine, inaugurar-se um apartamento assim em Brasília, era a exclamação.

Benjamin Soares Cabello, que depois viria a morrer num desastre de avião entre Brasília e Rio, escreve uma crônica no “O Cruzeiro” sobre esses apartamentos. E nasceu, daí, a expressão apartamento JK, que não era nenhuma homenagem ao presidente, mas apenas para dizer que o apartamento era composto apenas de janela e kitchnete.

SAYÃO, O TIPO

Estava se organizando a Novacap, e o dr. Juscelino chamou o João Milton Prates e mandou-o buscar o dr. Bernardo Sayão, vice governador de Goiás, para assumir uma diretoria da Novacap.

O piloto do presidente voou para Goiânia, e lá soube que Sayão estava em Ceres, comandando o seu plano agrícola. Sayão conversava pouco, e quando Milton Prates lhe disse a que viera, sua resposta foi imediata: “vamos, e agora”!

Foi lá dentro, e voltou com sua “bagagem”. Era uma escova de dentes, tubo de pasta, pente, uma camisa e uma cueca. Estava pronto.

Prates ficou surpreso com a atitude de Sayão, mas foram para o aeroporto, e de lá para o Rio.

Na viagem, Milton Prates ficava pensando como faria chegando à Capital Federal. Como seria, levar um homem de botas cheias de barro, calça e camisa esporte, uma pasta debaixo do braço, para falar com o presidente da República. Mas Sayão não usava paletó e gravata. Não era seu hábito.

Chegando ao Rio, ambos foram à Casa José Silva. Prates deu um “banho de loja” em Sayão, que saiu de terno, paletó e gravata. Comprou um sapato novo, uma valise, e o homem andando na Rio Branco, parecia uma figura lendária.

Assim foi que Sayão tomou posse do cargo de diretor da Novacap. Voltando para sua terra, desfez-se do terno, que só foi usar depois, numa solenidade oficial no palácio do governo goiano.

BAMBOLE DE DONA SARAH

O primeiro jardim inaugurado em Brasília foi no caminho do aeroporto, e como tinha a forma de circunferência, e estava em moda o brinquedo de “bambolê”, ele recebeu o nome da primeira dama.

Esse Bambolê, que está fadado a desaparecer no planejamento do governador Elmo Farias, pois ali serão construídos trevos e viadutos, tem uma raridade dentro daquela vegetação que é bonita o ano inteiro.

É que no dia da sua inauguração, o dr. Bernardo Sayão plantou, ali, uma muda de pau Brasil, que ainda hoje participa do encanto vegetal que tanto agrada a todos.

SABOTAGEM NA LUZ

O Setor Militar Urbano tinha dois quartéis construídos, e vivia entre o barro e a lama. Era uma escuridão dos diabos, até queo dr. Afrânio Barbosa mandou instalar em condições precárias, uma linha de luminárias públicas.

Um dia, faltou luz na rua, mas havia corrente. Era época de crise política, e o próprio general Fico, comandante da 11ª Região Militar, interferiu no assunto.

Havia um ar de sabotagem em todas as conversas, e o então Departamento de Força e Luz foi convocado, para no local, resolver o assunto ou indicar o que houvera.

O engenheiro de plantão era o dr. Paulo Melo, que estava com o humor acima do normal, e para lá se dirigiu. Fez os primeiros testes, e disse que não havia nada. Um oficial ao lado não gostou da informação, e insistia em que poderia ter sido um ato de sabotagem.

Paulo Melo andando de um lado para outro, viu o poste onde estava a fotocélula que controlava o acendimento automático da luz. Ela ia fechando, à proporção em que o sol ia desaparecendo. Quando a luminosidade baixava a um certo nível, ela disparava um mecanismo que acendia a luz.

Paulo baixou-se, apanhou uma pedra de cascalho, e atirou na fotocélula. Foi o suficiente para desenganchar o mecanismo elétrico que estava preso, e todas as luzes ficaram acesas.

HUMOR DO BATISTA

Obdego Batista foi gerente da Vasp durante muito tempo, tendo chegado a Brasília nas primeiras operações aéreas, realizadas na futura capital. A princípio, era quase sozinho, e às vezes tinha até que empurrar DC—3 para sair dos atoleiros.

Dia após dia de trabalho e dedicação, terminou diretor da empresa, cargo em que se aposentou em virtude de defeito das coronárias.

Mas Batista era, antes de mais nada, um grande relações públicas. Os ministros, quando viajavam em avião comercial, sabiam seu telefone, pediam para atrasar voo, para reservar lugar, para tudo. Avião lotado, ele ainda conseguia poltrona para os amigos.

Foi assim, aliás, que ele conseguiu com que o Luciano Carneiro, viajasse num Viscount lotado. A fatalidade levou um avião militar a se chocar com esse aparelho, com perda total de vida.

Mas Batista era um simpático. Um dia, Fidel Castro chegou a Brasília, a convite de Jânio Quadros. Nessa época não havia segurança, e os visitantes desembarcavam com apenas minguaos guarda-costas, na verdade, impotentes para uma operação inimiga. Mas não havia a ciência da segurança.

Batista recebeu Fidel Castro na pista, porque a escada colocada no avião militar em que ele chegara, era da Vasp.

Os fotógrafos que faziam a cobertura gritavam: “Batista, segura o homem um pouquinho. Ai”. E iam dando ordens ao Batista. Fidel Castro olhou meio de soslaio, até que Batista compreendeu os fotógrafos: “me chama de Obdego, rapaz. Obdego!”.

ISRAEL NO AEROPORTO

Quando estava sendo construída a pista do aeroporto, Israel Pinheiro foi visitar a obra. As máquinas pararam, e o dr. Israel saiu à frente, andando rápido, sendo seguido pelo dr. Ataualpa da Silva Prego, que era o engenheiro encarregado da fiscalização da obra entregue à Coenge.

Havia chovido demais, e a pista estava com atraso no cronograma. O presidente da Novacap chamou o engenheiro Ataualpa, e saíram os dois sozinhos. Dr. Israel dizia horrores sobre a competência do pessoal da Novacap, e articulava raivoso para Ataualpa.

Andando poucos passos atrás, o engenheiro explicava com humildade, as razões do atraso da obra, mas ao mesmo tempo em que falava manso, fazia gestos enérgicos com os braços e com as mãos.

Os candangos e demais engenheiros, postos à distância, viram, à saída, a raiva com que falava o dr. Israel, e agora, vendo à distância, o dr. Ataualpa falar daquele jeito com o presidente, ficaram horrorizados.

Lá longe, o chefe volta-se sorrindo e abraça o engenheiro, sem ver os seus últimos gestos enérgicos com palavras lamuriosas.

Abraça Ataualpa, e voltam ambos alegres.

A partir daquele dia, o homem teve uma cotação bem diferente entre todos da obra, e passou a ser o respeitado, porque era o único homem que havia respondido “assim” ao dr. Israel, quando ele estava reclamando.

CHEZ WILLY

Quem esteve em Brasília nos primórdios de sua construção, deverá, certamente, ter almoçado ou jantado num restaurante de madeira, onde o serviço era feito com todo requinte.

Willy e Magda formavam um casal simpático. Ambos europeus, aqui chegaram para ter a maior oportunidade da vida. Falando várias línguas, era fácil o entendimento com todos, e, em pouco tempo, revistas de todo o mundo estampavam fotos de Brasília, e ninguém esquecia de promover o Chez Willy. Assim, ficou famoso em toda a parte.

Em meio a toda poeira, Willy, impecavelmente vestido de “smoking”, preparava pratos flambados nos salões do restaurante, com a elegância e eficiência de um maitre suíço.

Fez a fama, e veio o dinheiro. Dia e noite, restaurante cheio. As maiores autoridades que vinham visitar Brasília, tinham algumas horas para um refeição em sua casa.

Veio a inauguração da cidade, e Willy mudou-se para a W3, em prédio da Novacap. Rico, pensava que o dinheiro fácil de ganhar, jamais faltaria.

Veio a tentação do jogo, novas mulheres, e um dia Willy aparece concorrendo a uma corrida de kart. Era o fim melancólico de um restaurante famoso. Em pouco tempo virou ruína, despejado por falta de pagamento, e o casal viajou para São Paulo.

Lá, ele estabeleceu-se em Santo Amaro, e depois disso nunca mais alguém teve notícia do Willy e Magda. Foram sempre, enfim, bons amigos.

ORIGEM DA MANSÃO

Ainda hoje muita gente se pergunta por que se fala mansão, quando na verdade é um pedaço de terra. Isto, vem dos idos em que o projeto de mudança da Nova Capital estava em trâmite no Congresso, no Rio.

Deputado ou Senador, podia comprar mansão de vinte mil metros quadrados, pagando apenas um salário mínimo por mês.

É que naquela época, a UDN não queria saber de Brasília, e dizia que aqui não se estava construindo nada. Era um grupo de ladrões jogando fora o dinheiro dos Institutos com negociatas e bacanais. Na verdade, ninguém acreditava que a lei votada seria cumprida.

Mas todos teriam que ter um pedaço de terra, para se fixar à nova cidade. Era este o ponto de vista do dr. Israel Pinheiro. Com um terreno barato, todo mundo quer ir. E então criou os loteamentos para os parlamentares. Para não chamar de lote, ele mesmo teve a idéia de denominá-los Terrenos de Mansão. E a Novacap instalou, no Congresso, no Rio, um escritório para vender os terrenos na planta. Cada um escolhia um, mesmo que não quisesse, porque era muito barato.

Quando se efetivou a mudança da capital, e os parlamentares chegavam aqui, trazia um compromisso de compra e venda, com um endereço, e queriam ver.

Um deputado ficou furioso, porque a Novacap lhe pôs à disposição, um funcionário e um jeep. Foram ver o terreno. Em lá chegando, o funcionário desce do jeep, e aponta ao parlamentar a sua propriedade.

- Mas eu comprei uma mansão, diz o deputado.

- Terreno de mansão, responde o funcionário.

Foi uma briga dos diabos. É que o nome Mansão, foi criado para atrair os que aqui não queriam vir, e assim pensavam que estavam adquirindo um vasto terreno, uma mansão numa colina, e cães de raça postados entre as colunas. Recebiam o pedaço de cerrado.

CAMPANHA ANTIBRASILIA

Quem era contra Brasília, jamais ficou calado. E foi assim que se espalhou por todo o país uma história que era contada mais ou menos assim:

O dr. Juscelino estava na porta de um armazém na Cidade Livre, vendo os fregueses chegar. Um pedia anzol.

Outro, vara de pescar. Outro, comprava chumbada.

Até que pelas tantas chegou um e pediu uma enxada. Entusiasmado com aquele que queria comprar uma enxada, o dr. Juscelino dirigiu-se ao dono do armazém e disse que ele mesmo pagaria.

Dirigindo-se então ao rapaz, o presidente indagou: que marca de enxada você quer? Pode escolher a melhor, que esta eu pagarei. E meus parabéns. Pode escolher a melhor.

O caipira meio surpreso com a oferta, responde ao presidente:

- “Qualquer uma, uai. Para catar minhoca qualquer uma serve!”

FALSOS ENFERMEIROS

A chegada do sr. João Goulart para tomar posse, teve lances de epopéia. Ele, no Rio Grande do Sul, viria para Brasília, onde tomaria posse, segundo a nossa lei. Mas não queria se arriscar.

Foi preciso que o senador Auro de Moura Andrade pregasse a grande mentira, afirmando que os ministros militares estavam no aeroporto esperando, para ele poder viajar.

Mas nessa época, o chefe do escritório do Rio Grande do Sul era um simpático coronel da Brigada Militar, que chamava a gente de “índio”.

Quando ele viu a situação difícil, quis defender o chefe, e não encontrou outra saída. Colocou uma porção de capangas dentro de uma ambulância, vestidos de enfermeiros, e dois na frente, como “médicos”.

Quando a ambulância chegou à pista (naquela época, qualquer um ia até a pista) os da frente informaram que era a ambulância do escritório do Rio Grande do Sul, para qualquer eventualidade.

Nem o coronel Parker desconfiou de nada.

E o presidente não viajara. Dentro da ambulância, o calor deveria ser de 60°, porque mais de quinze homens se comprimiam no seu interior entre metralhadoras e munições. O motorista resolveu a situação, colocando a frente da ambulância para a estação de passageiros, e assim foi possível abrir a porta traseira.

Quando o avião chegou, e não houve nada, a ambulância deixou o local, e,

mais tarde, os “enfermeiros” e “médicos” confraternizavam na casa da W/3, onde era a representação do Rio Grande do Sul.

DE GRANJA A PALACIO

O pessoal que morava no Catetinho deveria se mudar, e ter nova vida de trabalho. A inauguração do Catetinho tinha sido uma epopéia, mas ninguém poderia ficar ali longe dos canteiros de obras. E cada um teria que trazer sua família.

Foi então que o dr. Israel resolveu construir várias casas em granjas, que receberam os nomes de “Tamanduá”, para o dr. Bernardo Sayão; “Torto”, para o dr. Iris Meinberg; “Riacho Fundo”, para o dr. Ernesto Silva; “Águas Claras”, ; para o dr. Meireles e uma para o presidente da Novacap.

Esta última estava sem nome, e quando se procurava uma denominação, o dr. Bernardo Sayão sugeriu as iniciais do presidente I.P. (Israel Pinheiro).

O dr. Israel interrompeu com raiva, e disse que o presidente da Novacap é demissível a qualquer momento, e seria muito ruim depois se procurar um outro com as mesmas iniciais.

Mas com bom humor arrematou: “Vai ficar assim mesmo”.

Só que no dia seguinte, mandou desenharm um Ipê amarelo, bem bonito, e escrever embaixo: Granja do Ipê. E ficou com o nome da planta do cerrado.

Tempos depois, a placa teve que ser retirada, porque a granja passou a hospedar o Xainxá e Farah Diba. Como ficava feio a Alteza Real ser hospedada numa granja, retiraram a placa e puseram outra que ficou alguns dias durante a visita do casal a Brasília: “Palácio do Ipê”.

BANCO DA LAVOURA

O Crédito Real disputava com o Lavoura a chegada primeiro a Brasília e o maior movimento, mas logo o Lavoura deu distância. Seu gerente, um goiano bonachão, dominava a cidade. Era Tonico, que guardava o dinheiro que Brasília precisava.

Quando a firma dele precisava de dinheiro era emprestado antes mesmo de assinar as promissórias. Muitas vezes,

nas obras do Correio Braziliense ou da TV Brasília, surgiam despesas imediatas, e era necessário sacar em vermelho. Isto era feito. Naquela época, o dr. Paulo Lira era menino, e não havia Banco Central.

Mas quando o cliente não tinha crédito, a ordem era dizer: o Tonico foi para Belo Horizonte. E o assunto era então encaminhado para o Pedro ou Urbano.

Um barraco de madeira, na Cidade Livre, guardava milhões de cruzeiros, sem assalto e sem perigo. A caixa forte era feita de alvenaria, apenas para proteger contra incêndios. A do Banco do Brasil era mais sofisticada, porque era de concreto.

Um livro que circulou em Brasília, intitulado “Superquadra 308” contava as tremendas investidas de um empreiteiro junto ao Tonico, e a maneira como os dois se safam entre risos e abraços.

EPIDEMIA

A falta de higiene, a facilidade de contato com doenças, trouxe alguns momentos dramáticos para a construção de Brasília. Um deles foi uma epidemia de cachumba e catapora.

Os jornais no Rio não souberam, e por isto não houve divulgação, mas as obras chegaram a perder seu ritmo nessa ocasião.

No acampamento do Iaptec morava a única mulher do Plano Piloto, que era a tesoureira Talita Aparecida de Abreu, nossa Katucha dos dias atuais.

Ela ficava noites inteiras percorrendo os dormitórios, atendendo aos candangos, que com respeito e carinho viam nela a figura da mãe, da irmã, ou da esposa distante.

E muitas vezes eles choravam de agradecimentos.

PAO E MEL ...

A visão de Dom Bosco era muito glosada em Brasília, ao tempo de sua construção. A visão de Pão e Mel era comentada demais.

Dizia-se então que Dom Bosco havia sonhado com pão, para os filhos do Sayão; mel, para os filhos de Israel, e o resto, para os filhos do Ernesto...